

# A Economia do Ceará: Uma Análise Setorial no Período 2002-2018

**Nicolino Trompieri Neto**

Analista de Políticas Públicas do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica – IPECE

**Alexandre Lira Cavalcante**

Analista de Políticas Públicas do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica – IPECE

**Ana Cristina Lima Maia**

Assessora Técnica do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica – IPECE.

**Daniel Cirilo Suliano**

Analista de Políticas Públicas do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica – IPECE

**Paulo Araújo Pontes**

Analista de Políticas Públicas do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica – IPECE

**Witalo de Lima Paiva**

Analista de Políticas Públicas do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica – IPECE

## Resumo

A partir do século XXI o Ceará vem apresentando grandes mudanças nas infraestruturas rodoviária, hídrica, portuária, aeroportuária e energética, bem como a diversificação de indústrias a partir das instalações do Complexo Industrial e Portuário do Pecém (CIPP), da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP) e da Zona de Processamento de Exportação do Ceará (ZPE Ceará). Essas mudanças induziram o crescimento econômico, seja na agricultura, indústria, serviços, bem como no mercado de trabalho, comércio exterior e finanças públicas. Tais mudanças são apresentadas a partir da análise do comportamento dos principais setores e atividades da economia cearense, sempre fazendo um paralelo com o Nordeste e o Brasil, para o período dos anos de 2002 a 2018.

## Palavras-chave

Economia Cearense. Setores Econômicos. Produto Interno Bruto.

## 1 Introdução

O Ceará responde pela 11<sup>a</sup> economia do País e pela 3<sup>a</sup> do Nordeste. O PIB cearense abrange 2,1% do PIB brasileiro e 15,1% do PIB Nordestino. Sua economia está sustentada principalmente nas atividades ligadas aos Serviços (76,1%), seguidos das atividades da Indústria (19,2%), e da Agropecuária, que participa com 4,7%. O Estado tem se destacado no cenário nacional pelos reconhecidos avanços, seja do ponto de vista econômico, seja na perspectiva social. De fato, a economia cearense conseguiu manter, em média, um ritmo de crescimento superior ao registrado pela economia nacional nos últimos anos, permitindo reduzir, embora que lentamente, uma distância histórica com relação ao restante do país.

Particularmente no período pós-crise de 2008, o Ceará apresentou taxas de crescimento econômico consideravelmente acima das alcançadas pelo Brasil, influenciadas fortemente pela elevada participação dos investimentos públicos em áreas estratégicas para o desenvolvimento do Estado. O crescimento, nos últimos anos, das infraestruturas rodoviária, hídrica, portuária, aeroportuária e energética permitiu a atração de grandes empresas como a Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), bem como o fortalecimento do setor turístico cearense. Todo esse avanço é decorrente, em grande parte, do equilíbrio fiscal permanente, o que permitiu ao Estado aplicar grandes quantidades em despesas de investimento, seja

com recursos próprios ou com recursos advindos de operações de crédito nacionais e internacionais, elevando a competitividade da economia cearense, e estimulando, dessa forma, os investimentos privados nos diversos setores produtivos do Estado.

Em consonância com o bom desempenho econômico, observou-se, também, nos últimos anos, importantes avanços na qualidade de vida das pessoas, por conta da redução da pobreza e da desigualdade, aliada ao aumento de renda das famílias e à expansão do crédito, que possibilitaram a ampliação do consumo e a posse de bens duráveis nos domicílios do Estado. Do mesmo modo, o Ceará evoluiu nas áreas de Educação, com os aumentos da oferta do ensino profissionalizante e da qualidade do ensino fundamental, e na área de Saúde, com os aumentos das ofertas de hospitais Regionais e policlínicas, sendo, portanto, fatores importantes no processo de ampliação dos estoques de capital humano e social do Ceará. Apesar das conquistas, alguns desafios persistem e exige do Estado uma atuação qualificada para que se alcance um novo patamar de desenvolvimento.

Assim, em termos de sua evolução socioeconômica recente, o Ceará já dispõe de bases satisfatórias para alavancar um processo acelerado de desenvolvimento nos próximos anos. Este quadro econômico atual deve servir de ponto de partida para uma estratégia de longo prazo, que vai orientar um novo esforço para que o Estado supere os entraves e consiga aproveitar eficientemente suas potencialidades.

Dentro desse contexto, o presente artigo tem como objetivo analisar a evolução recente, no período 2002-2018, dos principais indicadores econômicos do Ceará, realizando algumas comparações com o Brasil, o Nordeste e com os estados da Bahia e de Pernambuco.

Além desta presente introdução, o artigo divide-se em mais oito seções, retratando o comportamento do Produto Interno Bruto (PIB) (seção 2), assim como os setores da agricultura (seção 3), indústria (seção 4), serviços (seção 5), comércio (seção 6), comércio exterior (seção 7), finanças públicas (seção 8) e, por fim, na última seção, são apresentadas as considerações finais e perspectivas.

## 2 Produto Interno Bruto (PIB) e PIB *per capita*

O PIB do Brasil registrou, em 2016, um valor de R\$ 6.267.205 milhões. Para o mesmo ano de análise, em termos absolutos de valor corrente, o Nordeste é a terceira região com maior PIB do Brasil, com R\$ 898.083 milhões, enquanto que o PIB do Ceará alcançou, em 2016, um montante de R\$ 138.379 milhões, segundo a tabela 1.

Tabela 1 – Produto Interno Bruto – Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação - Anos selecionados (R\$ milhões)

Brasil, Grandes Regiões e Ceará	Produto Interno Bruto (R\$ milhões)					
	2002	2010	2013	2014	2015	2016
Brasil	1.488.787	3.885.847	5.331.619	5.778.953	5.995.787	6.267.205
Norte	69.902	207.094	292.442	308.077	320.688	337.213
Nordeste	194.848	522.769	724.524	805.099	848.579	898.083
Ceará	28.719	79.336	109.037	126.054	130.630	138.379
Sudeste	854.310	2.180.988	2.948.744	3.174.691	3.238.738	3.332.051
Sul	241.565	620.180	880.286	948.454	1.008.035	1.066.968
Centro-Oeste	128.163	354.816	485.623	542.632	579.746	632.890

Fonte: Indicadores IBGE (2018) Elaboração dos autores. Valores Correntes.

O Brasil apresentou, em 2016, um PIB *per capita* equivalente a R\$ 30.411 (Tabela 2). Na análise regional, apesar do Nordeste ser a terceira região mais rica em termos de PIB em valor corrente, quando controlado pelo tamanho populacional, o Nordeste passa a ser apenas o quinto maior em termos de PIB *per capita*. O Centro-Oeste apresenta o maior PIB *per capita* do país, com um valor de R\$ 40.412, seguidos das regiões Sudeste (R\$ 38.585), Sul (R\$ 36.242), Norte (R\$ 19.043) e Nordeste (R\$ 15.779). O Ceará apresentou em 2016, um PIB *per capita* no montante igual a R\$ 15.438, representando, aproximadamente, apenas 51%

do PIB *per capita* do Brasil. Isso demonstra o grande desafio que o Estado possui na superação da baixa renda em relação ao país, pois mesmo sendo a décima primeira maior economia do país, o Ceará é apenas o vigésimo segundo quando se considera o PIB *per capita*.

Tabela 2 – Produto Interno Bruto *per capita* a preços correntes – Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação – Anos selecionados (Em R\$)

Brasil, Grandes Regiões e Ceará	Produto Interno Bruto per capita (R\$) (Valores Correntes)					
	2002	2010	2013	2014	2015	2016
Brasil	8.525	20.372	26.521	28.500	29.326	30.411
Norte	5.176	13.040	17.219	17.879	18.354	19.043
Nordeste	3.989	9.849	12.986	14.329	15.003	15.779
Ceará	3.752	9.391	12.421	14.255	14.670	15.438
Sudeste	11.475	27.142	34.911	37.299	37.772	38.585
Sul	9.387	22.647	30.570	32.687	34.486	36.242
Centro-Oeste	10.591	25.253	32.390	35.653	37.543	40.412

Fonte: Indicadores IBGE (2018). Elaboração dos autores. Nota: PIB *per capita* calculado segundo a última estimativa populacional (série 2001-2018) fornecida pelo IBGE e utilizada pelo Tribunal de Contas da União (TCU) para fins dos cálculos das transferências constitucionais FPM e FPE.

O Sudeste concentra a maior parte da geração de riqueza no país com participação, em 2016, de 53,17%. Na sequência, aparecem as regiões Sul (17,02%), Nordeste (14,33%), Centro-Oeste (10,10%) e Norte (5,38%). Em termos de variação na participação, comparando o ano de 2016 em relação a 2002, os maiores ganhos foram registrados nas regiões Centro-Oeste, com 1,49 pontos percentuais (p.p.) e Nordeste (+1,24 p.p.), seguidos das regiões Sul (+0,79 p.p.) e Norte (+0,68 p.p.). Em direção oposta, para o mesmo período de análise, o Sudeste apresentou queda de 4,21 pontos percentuais. O Ceará apresentou, em 2016, uma participação de 2,21%, com um ganho de 0,28 p.p. em relação ao ano de 2002, ocupando a décima primeira posição no país e a terceira no Nordeste (Tabela 3).

Tabela 3 – Participação do Produto Interno Bruto – Grandes Regiões e Unidades da Federação – Anos selecionados

Grandes Regiões e Ceará	Participação no Produto Interno Bruto do Brasil (%)						
	2002	2010	2015	2016	Variação 2016 - 2002 (em p.p.)	Variação 2016 - 2010 (em p.p.)	Variação 2016 - 2015 (em p.p.)
Norte	4,7	5,33	5,35	5,38	0,68	0,05	0,03
Nordeste	13,09	13,45	14,15	14,33	1,24	0,88	0,18
Ceará	1,93	2,04	2,18	2,21	0,28	0,17	0,03
Sudeste	57,38	56,13	54,02	53,17	-4,21	-2,96	-0,85
Sul	16,23	15,96	16,81	17,02	0,79	1,06	0,21
Centro-Oeste	8,61	9,13	9,67	10,10	1,49	0,97	0,43

Fonte: Indicadores IBGE; IPECE Informe (2019). Elaboração dos autores. Pontos Percentuais (p.p.).

Em 2016, em decorrência da crise macroeconômica, todas as regiões apresentaram quedas no PIB. As maiores foram registradas nas regiões Norte (-4,62%) e Nordeste (-4,57%). Da mesma forma, quando se considera os estados, praticamente todos apresentaram quedas, com exceção apenas de Roraima (0,18%). O Ceará apresentou, em 2016, uma queda de 4,11%, sendo a décima segunda maior dentre os estados da Federação. Na análise do crescimento acumulado, para o período 2002-2016, o Ceará registrou o décimo sexto maior crescimento, com um valor de 50,62% (Tabela 4).

Tabela 4 – Taxa de Crescimento (%) do Produto Interno Bruto - Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação - Anos selecionados

Brasil, Grandes Regiões e Ceará	Crescimento Anual					Crescimento Acumulado		
	2010	2012	2013	2014	2016	2010-2002	2016-2002	2016-2010
Brasil	7,53	3,00	0,50	-3,55	-3,31	37,39	40,58	10,02
Norte	10,15	2,94	2,97	-2,58	-4,62	52,79	65,45	19,27
Nordeste	6,61	3,06	2,82	-3,35	-4,57	39,82	46,44	11,66
Ceará	6,75	5,06	4,18	-3,42	-4,11	40,71	50,62	14,27
Sudeste	7,57	1,97	-0,46	-3,78	-3,25	36,43	35,82	7,09
Sul	7,65	6,13	-0,10	-4,08	-2,40	29,54	33,63	11,04
Centro-Oeste	6,99	3,87	2,51	-2,06	-2,60	47,24	63,34	18,69

Fonte: Indicadores IBGE (2016). Elaboração dos autores. Crescimento em volume (variação real) do Produto Interno Bruto.

No Brasil, a participação da atividade de Serviços aumentou de 67,22%, em 2002, para 73,11 % em 2016, enquanto as outras atividades apresentaram queda, sendo que a Agropecuária passou de 6,42%, em 2002, para 5,66%, em 2016, e a Indústria de 26,37% para 21,23%, para o mesmo período de análise. O Ceará também apresentou um comportamento semelhante ao do Brasil, com um ganho de participação no setor de Serviços de 69,82%, em 2002, para 76,10%, em 2016, e quedas de 7,53% para 4,70% na Agropecuária, e de 22,65% para 19,10% na Indústria no mesmo período (Tabela 5).

Tabela 5 – Participação no Valor Adicionado Bruto por atividade econômica (%) - Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação – Anos selecionados

Brasil, Grandes Regiões e Ceará	2002			2010			2016		
	Agro.	Ind.	Serv.	Agro.	Ind.	Serv.	Agro.	Ind.	Serv.
Brasil	6,42	26,37	67,22	4,84	27,38	67,78	5,66	21,23	73,11
Norte	10,41	27,60	61,99	8,45	32,07	59,47	11,27	23,87	64,86
Nordeste	9,97	22,97	67,06	6,73	22,88	70,39	6,17	19,50	74,33
Ceará	7,53	22,65	69,82	5,05	21,94	73,01	4,70	19,20	76,10
Sudeste	3,15	27,87	68,98	2,38	29,10	68,51	2,69	21,47	75,84
Sul	10,82	29,06	60,12	8,30	29,16	62,54	9,29	24,99	65,72
Centro-Oeste	11,54	16,26	72,20	8,57	17,89	73,54	10,93	14,89	74,18

Fonte: Indicadores IBGE (2016). Elaboração dos autores.

### 3 Agricultura

A atividade agrícola é de grande importância para o Nordeste no aspecto socioeconômico por ser a principal atividade de ocupação e renda do homem no campo. Nas últimas décadas, a agricultura apresentou grandes mudanças, o que refletiu em aumento de produtividade e maior valor agregado dos produtos, saindo de uma produção simples e puramente de campo para uma produção com mais fatores de capital e tecnologia, somados a profissionais com maior qualificação e uma comercialização maior dos produtos em grandes centros de negócios. Porém, ainda persiste uma parcela da produção agrícola em sistema arcaico, apresentando baixa produtividade, produtos com menor qualidade e voltada apenas para o consumo próprio e para um mercado restrito e informal.

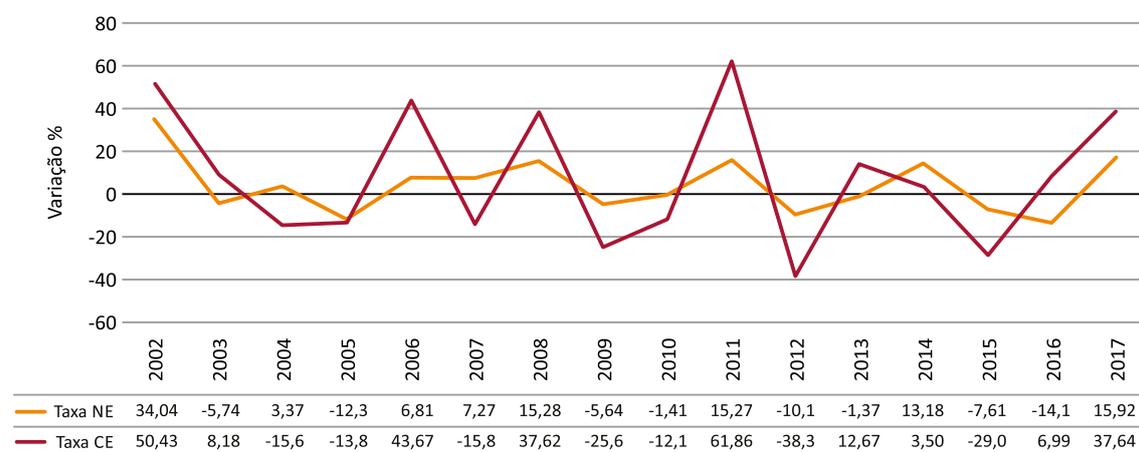
No Ceará, a atividade agrícola responde por 2,5% da economia do Estado, enquanto que, no Nordeste, a participação dessa atividade é de 3,7%, conforme dados das Contas Regionais<sup>1</sup> de 2016. Embora a participação seja pequena, o setor sustenta sua importância econômica, por possuir um grande efeito transbordamento

1 Último ano disponível das Contas Regionais do IBGE.

para outras atividades dos demais setores da economia, ultrapassando seu estabelecimento de produção e intercalando-se aos setores da indústria e serviços, além de abastecer também o mercado externo.

Ao analisar a atividade agrícola para o Nordeste e Ceará, verificou-se que o valor de produção (VP) dessa atividade apresentou comportamento oscilante, principalmente no Ceará. Essa é uma característica da agricultura do Nordeste, visto que é vulnerável aos fatores climáticos e ao mercado de oferta e demanda. No período de 2012 a 2016, quando as chuvas foram mais escassas, verificaram-se quedas mais intensas do valor de produção agrícola. Porém, em 2016 e 2017 o Ceará voltou a registrar crescimento no VP, enquanto que no Nordeste, o crescimento ocorreu apenas em 2017 (Gráfico 1). É importante ressaltar que o Ceará apresentou maiores vales de queda, tornando a base de comparação relativamente mais baixa quando comparada com o Nordeste.

Gráfico 1 – Taxa de Crescimento do Valor da Produção da – Ceará e Nordeste – 2002 a 2017



Fonte: Indicadores IBGE(2019e). Elaboração dos autores. \* Preços atualizados para o ano de 2017 (IGP-DI).

No Nordeste, a produção de cereais, leguminosas e oleaginosas apresentou aumento tanto em quantidade como em valor, no período de 2002 a 2017. Esse ganho é explicado pelo aumento de produção de soja e milho, no Maranhão, Piauí e Bahia. Quanto ao Ceará, a variação da produção de cereais, leguminosas e oleaginosas apresentou comportamento com grandes oscilações, com redução na quantidade produzida nos anos de 2002 e 2017, quando nesse último ano obteve-se uma produção de apenas 532,1 mil toneladas, enquanto que em 2002 a quantidade produzida foi de 937,9 mil toneladas. Esses valores indicam que a produção de cereais, leguminosas e oleaginosas do Ceará encontra-se bem abaixo da capacidade do *quantum* que o Ceará pode produzir. O valor da produção também apresentou forte queda, passando de R\$ 1,197 bilhão, em 2002, para 592,4 milhões, em 2017 (Tabela 6).

A presença da seca agravou a escassez de água, as condições de solo e clima sofreram alterações negativas para a produção de várias culturas, principalmente as lavouras de sequeiro, como milho, feijão.

Tabela 6 – Produção de cereais, leguminosas e oleaginosas – Nordeste e Ceará – 2002 e 2017

Variável	Nordeste		Ceará	
	2002	2017	2002	2017
Quantidade (t)	6.493.583	17.976.042	937.893	532.116
Valor da Produção (R\$ 1.000)	8.872.191*	16.918.242	1.196.998*	592.407

Fonte: Indicadores IBGE(2019e). Elaboração dos autores. \* Preços atualizados para o ano de 2017 (IGP-DI)

O Nordeste é destacado produtor de frutas tropicais, dado as vantagens comparativas com relação às condições de solo e clima favoráveis que a Região possui, além da disponibilidade de área e tecnologia.

A produção de frutas no Nordeste registrou crescimento tanto na quantidade quanto no valor produzido em 2017, comparado ao ano de 2002. Destaca-se que o aumento da quantidade foi maior do que o do valor da produção, indicando uma queda do preço médio de frutas. Para o Ceará, o crescimento

observado foi mais intenso, registrando aumento de 16,2% na quantidade e 51,5% no valor da produção. Esse resultado foi puxado principalmente pelo aumento de banana, maracujá e mamão.

É importante ressaltar que a produção de frutas no Ceará atingiu seu pico em 2011, com 1.620 mil toneladas. Mesmo com o começo de seca em 2012, a produção ficou em torno de 1,5 mil toneladas até 2014, pois ainda havia água nos reservatórios cearenses. Porém, a partir de 2015, com a continuidade de escassez de chuvas, começou a crise hídrica, atingindo a produção de fruticultura irrigada.

Tabela 7 – Produção de frutas no Nordeste e Ceará – 2002 e 2017

Variável	Nordeste		Ceará	
	2002	2017	2002	2017
Quantidade (t)	10.014.919	10.363.051	988.827	1.149.555
Valor da Produção (R\$ 1.000)	10.096.614	10.171.972	987.185	1.496.147

Fonte: Indicadores IBGE(2019e). Elaboração dos autores. \* Preços atualizados para o ano de 2017 (IGP-DI)

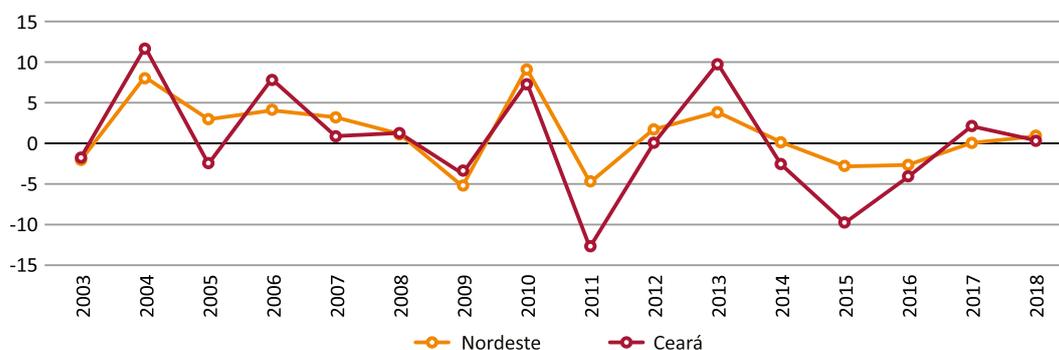
Outras culturas agrícolas que apresentam elevada relevância na economia cearense são tomate e mandioca. A mandioca, embora mais resistente à falta de chuva, também sentiu o efeito da escassez de chuva, reduzindo em 41% a quantidade produzida em 2017, comparada ao ano de 2002. Porém, o valor da produção cresceu em termos reais em 43%, nesse mesmo período. Já a produção de tomate cresceu em quantidade (25,5%) e valor da produção (105%) em 2017, comparado com 2002, ratificando a importância dessa cultura na economia do Ceará.

## 4 Indústria

A presente seção aborda a evolução da indústria de transformação cearense, *vis-à-vis*, o seu par regional. A análise considera o longo período compreendido entre os anos de 2002 a 2018 e leva em consideração o indicador de produção física industrial, um indicador do volume produzido pela atividade industrial e fornecido pela Pesquisa Industrial Mensal (PIM-PF) do IBGE.

Nesta perspectiva de longo prazo, a manufatura cearense apresentou resultados acumulados diferentes daqueles registrados pela indústria nordestina, apesar da trajetória, ano a ano, guardar certa semelhança. De fato, é possível perceber que a dinâmica anual da produção é similar entre os parques industriais. Entretanto, o segmento da transformação cearense apresenta uma volatilidade maior com picos de crescimento e redução mais intensos do que o segmento regional, algo relativamente esperado, uma vez que o número regional retrata um desempenho médio dos estados nordestinos. Em destaque, o comportamento em determinados anos evidencia que a manufatura cearense foi mais fortemente afetada nos momentos de baixa nos anos de 2011 e na atual crise, nos anos de 2014 a 2016. O gráfico 2, a seguir, permite visualizar a dinâmica da produção física ao longo dos anos considerados.

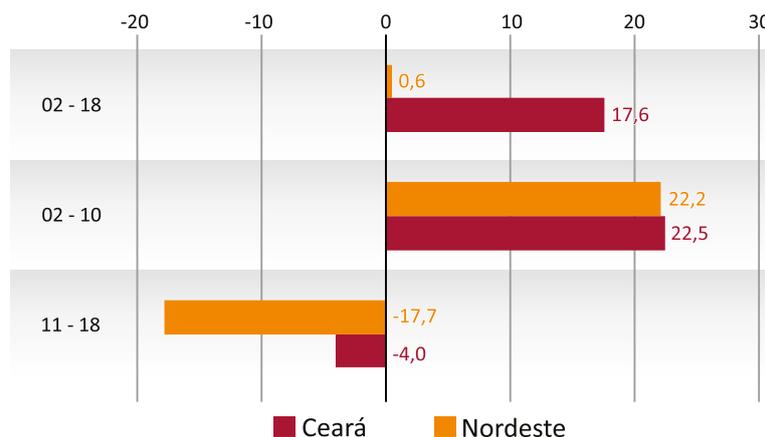
Gráfico 2 – Evolução anual (%) da produção industrial – Indústria de Transformação – Ceará e Nordeste, 2003 a 2018



Fonte: Indicadores IBGE (2019b). Elaboração dos autores.

Os resultados acumulados para todo o período, bem como para alguns subperíodos selecionados ratificam a diferença de desempenho, apesar da trajetória semelhante. Considerando os anos de 2002 a 2018, a manufatura cearense manteve-se estagnada em termos de volume de produção, acumulando uma expansão de apenas 0,6%. Por outro lado, no Nordeste, o segmento cresceu 17,6%. Quando se analisa por subperíodos, ficam mais evidentes as razões para esta forte diferença. Entre 2002 e 2010, ambos os parques apresentaram uma evolução similar, quase igual, com o Ceará crescendo 22,2% e o Nordeste, 22,5%. Já quando se considera o período de 2011 a 2018, o cenário passa a ser de retração e com intensidades distintas entre o Ceará e a Região. Nesse período, a produção cearense encolheu 17,7%, enquanto a redução regional foi de 4,0%. Os números podem ser vistos no gráfico 3, a seguir.

Gráfico 3 – Evolução Acumulada (%) da produção industrial – Indústria de Transformação – Ceará e Nordeste, 2002 a 2018 e subperíodos selecionados



Fonte: Indicadores IBGE (2019b). Elaboração dos autores.

O resultado acumulado sugere que o ambiente recessivo que caracterizou o período de 2011 a 2018 afetou muito mais fortemente a indústria cearense, a ponto de comprometer o avanço obtido na década anterior. Para entender tais efeitos, é preciso considerar, dentre outras variáveis relevantes (tais como características do choque econômico e deficiências estruturais de competitividade), a estrutura produtiva que caracteriza cada parque fabril.

A tabela 8, a seguir, traz os números acumulados para evolução da produção para cada uma das atividades industriais que caracterizam as manufaturas analisadas. Com base nos resultados apresentados, tem-se que as especificidades de cada parque industrial explicam a diferença de desempenho.

Na indústria cearense, a estagnação está associada à forte retração, ou não crescimento, de atividades relevantes para indústria local especialmente na segunda parte do período analisado, que compreende os anos de 2011 a 2018. No resultado acumulado para estes anos, as indústrias de Bebidas (-10,0%), Couro e calçados (-14,7%), Confecção e vestuário (-25,7%), Têxtil (-57,8%) e Alimentos (0,0%) apresentaram números não positivos interferindo, de forma determinante, no resultado agregado do setor.

Para a indústria do Nordeste, o desempenho em atividades com maior destaque regional contribuiu para um melhor resultado relativo. Expansão na fabricação de bebidas, derivados de petróleo, celulose e papel, e veículos automotores favoreceram o resultado.

Tabela 8 – Evolução acumulada (%) da produção industrial – Indústria de Transformação e Atividades Industriais – Ceará (CE) e Nordeste (NE), 2002 a 2018 e subperíodos selecionados

Indústria de Transformação e Atividades Industriais	Crescimento Acumulado (%)					
	02-18		02-10		11-18	
	CE	NE	CE	NE	CE	NE
Indústrias de transformação	0,6	17,6	22,2	22,5	-17,7	-4,0
Metalurgia	32,5	-12,0	*	2,9	32,5	-14,5
Fabricação de bebidas	26,6	45,4	41,0	62,7	-10,2	-10,7
Fabricação de produtos alimentícios	22,1	17,6	22,1	27,8	0,0	-8,0
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	15,6	-6,0	35,5	10,8	-14,7	-15,2
Fabricação de produtos de minerais não metálicos	10,2	10,7	29,5	56,9	-14,9	-29,5
Fabricação de outros produtos químicos	-1,8	0,6	*	4,8	-1,8	-4,0
Fabricação de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	-6,4	28,7	4,0	26,7	-10,0	1,6
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-18,6	-16,8	*	*	-18,6	-16,8
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	-33,8	-54,6	-10,9	-36,3	-25,7	-28,8
Fabricação de produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	-50,6	-19,1	16,4	*	-57,6	-19,1
Fabricação de produtos têxteis	-57,8	-37,6	0,0	16,9	-57,8	-46,6
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	**	102,3	**	71,3	**	18,1
Fabricação de produtos de borracha e de material plástico	**	1,2	**	*	**	1,2
Fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias	**	105,9	**	*	**	105,9

Fonte: Indicadores IBGE(2019b). Elaboração dos autores. (\*\*) Resultados não divulgados pela pesquisa; (\*) resultados divulgados pela pesquisa a partir de 2013.

## 5 Serviços

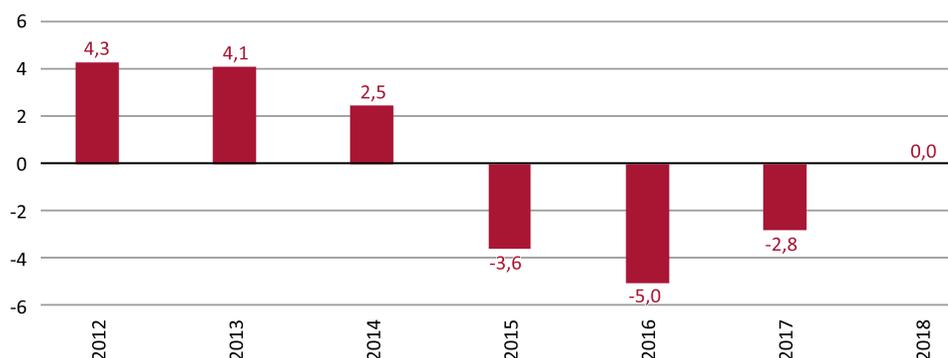
Dados da Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o Brasil, de acordo com o Gráfico 4 a seguir, revelam desaceleração da atividade desde 2012, embora ainda tenha apresentado forte crescimento nos três primeiros anos da série (4,3%, 4,1% e 2,5%, respectivamente).

Por sua vez, no ano de 2015, em razão da depressão econômica iniciada no segundo trimestre de 2014<sup>2</sup>, o setor recuou 3,6%, tendo em 2016 atingindo um vale ao apresentar forte queda de 5,0%. Em 2017, ano caracterizado de recuperação econômica<sup>3</sup>, a desaceleração foi menos intensa, com queda de 2,8%, alcançando estagnação em 2018.

2 Ver Comunicado de agosto de 2015 do Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE).

3 Ver Comunicado de outubro de 2017 do Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE).

Gráfico 4 – Variação anual (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – Brasil – 2012 a 2018

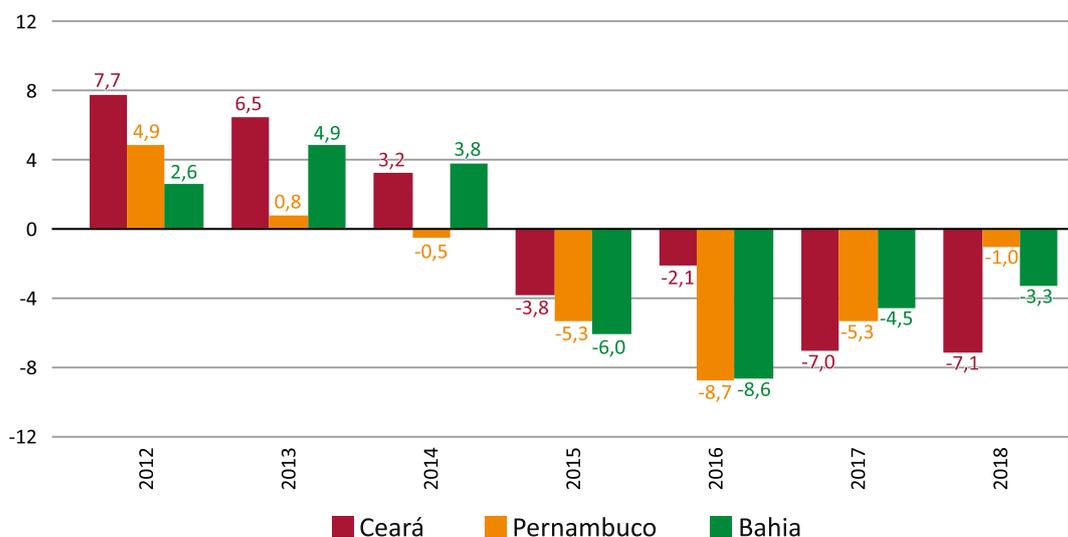


Fonte: Indicadores IBGE (2019b). Elaboração dos autores.

Nesse mesmo contexto, o Gráfico 5 apresenta o desempenho da PMS para os estados do Ceará, Pernambuco e Bahia. Em linhas gerais, os três estados seguem a dinâmica nacional nos anos analisados, sendo a diferença em termos de magnitude.

De fato, para o Ceará, em 2012, o setor apresentava um desempenho bem acima do nacional, ao registrar crescimento de 7,7%. Por outro lado, nos anos de contração econômica, a atividade cearense recuou bem acima do Brasil, com exceção do ano de 2016, quando havia registrado queda de 2,1%. Adicionalmente, destaca-se uma recuperação mais lenta no Estado tendo em conta o forte desempenho negativo em 2018 (7,1%).

Gráfico 5 – Variação Anual (%) da Pesquisa Mensal dos Serviços – Ceará, Pernambuco, Bahia – 2012 a 2018



Fonte: Indicadores IBGE(2019c). Elaboração dos autores.

Na Tabela 9, a seguir, é apresentada a evolução dos cinco segmentos que compõem a PMS nacional. Em consonância com o crescimento do setor, os resultados revelam que no ano de 2012 todos eles apresentaram desempenho positivo. Já em 2013, mesmo com o crescimento do setor de 4,1%, destaca-se o leve recuo de 0,2% do segmento Serviços Profissionais, Administrativos e Complementares.

Por sua vez, o segmento Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio, presente em diversas cadeias produtivas industriais, é o que apresenta tendência similar ao cômputo geral do setor, não obstante apresente recuperação mais rápida, considerando que em 2017 e 2018 crescia a taxas de 2,3% e 1,7%, respectivamente.

Tabela 9 – Variação do volume de vendas de serviços por atividades - Brasil – 2012 a 2018 (%)

Anos	Serviços prestados às famílias	Serviços de informação e comunicação	Serviços profissionais, administrativos e complementares	Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	Outros serviços
2012	1,0	4,9	4,6	4,7	0,7
2013	0,4	6,2	-0,2	6,5	-2,3
2014	-1,8	4,8	0,2	3,1	-1,7
2015	-5,3	0,0	-4,3	-6,1	-9,0
2016	-4,4	-3,2	-5,5	-7,6	-2,8
2017	-1,1	-2,0	-7,3	2,3	-8,9
2018	0,2	-0,4	-1,8	1,2	1,9

Fonte: Indicadores IBGE(2019c). Elaboração dos autores.

Na Tabela 10, a seguir, similar à tabela anterior, são apresentados os cinco principais segmentos que compõem a PMS para os estados do Ceará, Pernambuco e Bahia. Como pode ser observado, de modo geral, os segmentos acompanham o ciclo de expansão no período de 2012 a 2014, a contração econômica ocorrida de 2015 a 2017 e a lenta retomada iniciada a partir de 2017.

Tabela 10 – Variação do volume de vendas de serviços por atividades - Ceará, Pernambuco e Bahia - 2012 a 2018 (%)

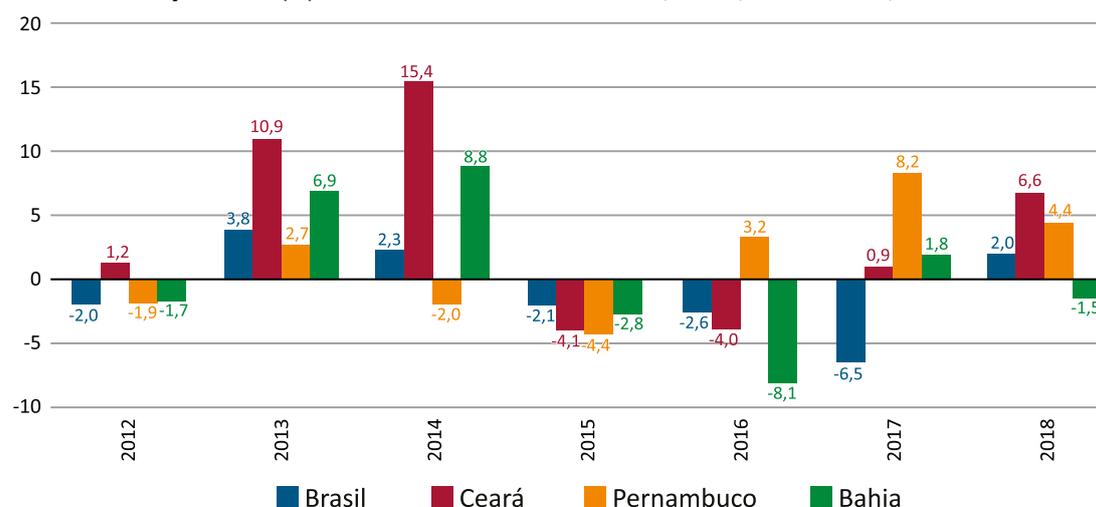
Segmentos	Estados	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Serviços prestados às famílias	Ceará	8,2	6,2	11,1	-2,6	-13,4	11,4	11,9
	Pernambuco	2,7	-5,5	-5,6	-3,5	0,7	13,4	2,2
	Bahia	-1,1	-1,6	-1,0	-3,9	-6,0	-2,0	-1,7
Serviços de informação e comunicação	Ceará	4,9	3,8	-0,9	-4,5	-2,2	-8,4	-4,5
	Pernambuco	5,1	4,1	0,5	-7,1	-8,2	-6,2	-5,3
	Bahia	4,9	2,3	-6,2	-6,0	-5,3	-4,8	-11,9
Serviços profissionais, administrativos e complementares	Ceará	12,1	9,8	-2,3	-4,1	3,2	-9,0	-10,8
	Pernambuco	7,2	-8,3	-3,7	-7,7	-17,8	-11,4	-7,2
	Bahia	9,7	7,4	9,0	-13,5	-2,3	-19,1	1,7
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	Ceará	4,3	6,4	8,7	-9,4	0,1	-2,9	-4,5
	Pernambuco	1,9	10,0	2,6	-1,6	-4,7	-9,1	5,9
	Bahia	-1,7	8,7	11,8	-0,3	-14,4	5,1	0,2
Outros serviços	Ceará	10,9	2,4	18,3	15,3	-11,5	-23,0	-36,9
	Pernambuco	12,7	-2,3	0,9	-4,9	-3,3	-4,9	-3,2
	Bahia	-2,2	-0,3	0,8	-17,7	-13,3	-8,1	-10,6

Fonte: Indicadores IBGE(2019c). Elaboração dos autores.

Finamente, o Gráfico 5.3 apresenta a evolução do Índice de Atividades Turísticas (IATUR), composto por dez agrupamentos ligados ao setor. Como principal destaque, de acordo com o Gráfico 6, estão os resultados para o Ceará em todo o período de análise. Em 2012, o Ceará foi o único que apresentou desempenho positivo (1,2%) tendo nos anos de 2013 e 2014 desempenho acima da média, com crescimento de 10,9% e 15,4%<sup>4</sup>, respectivamente. Em 2017, o Estado de Pernambuco é o grande destaque, ao registrar crescimento de 8,2%, enquanto em 2018 o Ceará volta a superar a média dos demais, com crescimento de 6,6%.

4 Em 2013, foi realizada a Copa das Confederações e em 2014, a Copa do Mundo.

Gráfico 6 – Variação anual (%) das atividades turísticas – Brasil, Ceará, Pernambuco, Bahia – 2012 a 2018



Fonte: Indicadores IBGE(2019c). Elaboração dos autores.

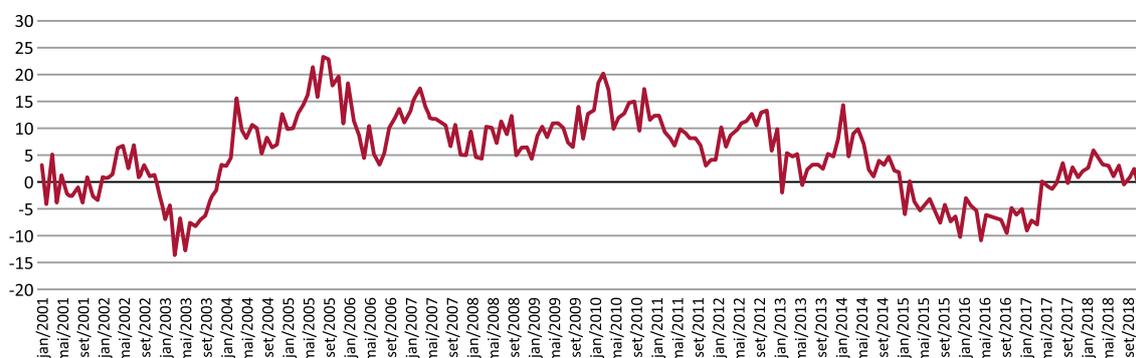
## 6 Comércio

A partir dos dados da Pesquisa Mensal de Comércio, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é possível acompanhar o comportamento conjuntural do comércio varejista no País e nos estados, investigando a receita bruta de revenda nas empresas formalmente constituídas, com 20 ou mais pessoas ocupadas, e cuja atividade principal é o comércio varejista.

A referida pesquisa foi iniciada em janeiro de 1995, mas com abrangência nacional apenas a partir do ano 2000, produzindo indicadores de volume e de receita nominal de vendas, desagregados em cinco grupos de atividades, para o Brasil e os estados do Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás e Distrito Federal. Para as demais Unidades da Federação, são divulgados indicadores para o comércio varejista, sem desagregação.

O Gráfico 7 abaixo traz informações sobre a variação mensal do volume de vendas do varejo comum cearense. A partir da análise do referido gráfico é possível perceber que o varejo estadual apresentou diferentes ciclos de forte expansão e retração de sua atividade ao longo dos últimos dezoito anos. Vale destacar que entre os anos de 2000 e 2018, o varejo comum cearense registrou um crescimento acumulado de 97,18%<sup>5</sup> (acima do Brasil, 73,59%), revelando ganho de participação nacional.

Gráfico 7 – Variação mensal do volume de vendas do varejo comum - Ceará - Janeiro/2001 a Dezembro/2018 (%)



Fonte: Indicadores IBGE(2019d). Elaboração dos autores.

<sup>5</sup> Para o cálculo das variações acumuladas tomou-se como referência o mês de dezembro de cada ano.

Nota-se que entre 2000 e 2010, a expansão acumulada foi de 90,32%, maior que a apresentada pelo país (61,04%), todavia, no período de 2010 a 2018, o crescimento acumulado apresentado pelo Ceará foi de apenas 3,61%, abaixo do registrado pelo país (7,80%). No período entre os anos de 2014 e 2018, foi possível observar uma forte queda nas vendas dessa atividade de 12,29% maior que a queda registrada no país de 7,67%. Vale destacar que nos anos mais recentes, a saber, entre 2016 e 2018, o referido setor apresentou uma forte desaceleração do ritmo de queda passando a registrar queda acumulada apenas de 0,36% no período, enquanto o varejo comum nacional passou a apresentar alta acumulada de 4,61%.

Apenas a partir do ano de 2005 é que foi possível se ter informações sobre a variação mensal do volume de vendas do comércio varejista ampliado para os estados, que incorpora no cálculo do índice geral a variação do volume de vendas de Veículos, motocicletas, partes e peças e de Material de construção. A partir da análise do Gráfico 8 é possível perceber que o varejo ampliado estadual também apresentou diferentes trajetórias, revelando diferentes ciclos de expansão e retração ao longo dos últimos dezoito anos. Entre os anos de 2004 e 2018, o varejo ampliado cearense registrou um crescimento acumulado de 94,33%, bem acima do registrado pelo país, de 59,65%, revelando também ganho de participação nacional.

Nota-se que entre 2004 e 2010, a expansão acumulada foi de 103,4%, maior que a apresentada pelo país (61,53%), todavia, no período de 2010 a 2018, o varejo ampliado estadual registrou queda acumulada de 4,46%, movimento diferente daquele apresentado pelo varejo comum e superior à queda apresentada no varejo ampliado nacional (-0,55%).

No período entre os anos de 2014 e 2018, foi possível observar uma forte queda nas vendas dessa atividade de 15,74% maior que a queda registrada no país de 9,75%, ambas superiores à retração observada no varejo comum. Vale destacar que nos anos mais recentes, a saber, entre 2016 e 2018, as vendas do varejo ampliado estadual apresentou um crescimento acumulado de 5,11%, enquanto o varejo ampliado nacional obteve alta acumulada de 8,66%.

Gráfico 8 – Variação mensal do volume de vendas do varejo ampliado - Ceará - Janeiro/2005 a Dezembro/2018 (%)



Fonte: Indicadores IBGE(2019d). Elaboração dos autores.

Apenas a partir de janeiro de 2004, iniciou-se a série da pesquisa, com base 2003=100. O segmento “Demais artigos de uso pessoal e doméstico” foi desagregado, iniciando a série de indicadores para os segmentos de “Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos”, “Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação”, “Livros, jornais, revistas e papelaria” e “Outros artigos de uso pessoal e doméstico”.

A Tabela 11 apresenta a variação acumulada das vendas desagregadas para diferentes setores que formam o varejo nacional e dos estados do Ceará, Pernambuco e Bahia. Nota-se que a maioria dos setores investigados apresentaram trajetórias semelhantes de expansão e retração das vendas, diferindo principalmente na intensidade desses movimentos. Entre os anos de 2004 e 2018, apenas as vendas de Livros, jornais, revistas e papelaria apresentaram queda acumulada no varejo cearense no período considerado. A maior alta foi registrada nas vendas de Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação.

Tabela 11 – Variação acumulada das vendas do varejo por setores – Brasil, Ceará, Pernambuco e Bahia – Períodos selecionados (%)

Setores	Períodos	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Combustíveis e lubrificantes	2004-2018	-0,96	38,20	55,70	-27,14
	2004-2010	8,98	33,33	33,07	4,95
	2010-2014	14,51	50,00	34,74	10,79
	2010-2018	-9,12	3,65	17,01	-30,58
	2014-2018	-20,63	-30,90	-13,16	-37,33
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	2004-2018	58,53	57,89	29,23	39,23
	2004-2010	39,15	68,57	51,32	46,58
	2010-2014	13,28	3,30	1,58	10,04
	2010-2018	13,93	-6,33	-14,59	-5,02
	2014-2018	0,57	-9,33	-15,92	-13,68
Hipermercados e supermercados	2004-2018	59,59	45,56	13,26	68,73
	2004-2010	37,47	69,02	47,34	58,50
	2010-2014	13,95	2,94	3,95	14,18
	2010-2018	16,09	-13,88	-23,13	6,45
	2014-2018	1,88	-16,34	-26,05	-6,77
Tecidos, vestuário e calçados	2004-2018	19,02	48,81	-5,44	13,30
	2004-2010	31,58	30,48	14,70	47,93
	2010-2014	4,18	23,54	14,23	16,29
	2010-2018	-9,54	14,04	-17,56	-23,41
	2014-2018	-13,17	-7,69	-27,83	-34,14
Móveis e eletrodomésticos	2004-2018	64,92	111,76	85,94	128,60
	2004-2010	81,80	116,62	111,06	148,85
	2010-2014	19,66	55,73	36,79	4,95
	2010-2018	-9,29	-2,24	-11,90	-8,14
	2014-2018	-24,19	-37,23	-35,59	-12,47
Móveis	2004-2018	---	---	---	---
	2004-2010	---	---	---	---
	2010-2014	---	---	---	---
	2010-2018	---	---	---	---
	2014-2018	-29,12	-41,26	-53,06	-19,09
Eletrodomésticos	2004-2018	---	---	---	---
	2004-2010	---	---	---	---
	2010-2014	---	---	---	---
	2010-2018	---	---	---	---
	2014-2018	-22,32	-33,72	-23,04	-10,13
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	2004-2018	169,18	185,88	219,83	190,89
	2004-2010	78,45	75,85	97,38	90,63
	2010-2014	35,02	44,69	74,45	38,66
	2010-2018	50,85	62,56	62,04	52,60
	2014-2018	11,72	12,35	-7,11	10,05

Setores	Períodos	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Livros, jornais, revistas e papelaria	2004-2018	-20,35	-22,79	1,03	31,80
	2004-2010	62,34	128,42	3,31	69,12
	2010-2014	-3,10	-35,68	39,45	11,09
	2010-2018	-50,94	-66,20	-2,21	-22,07
	2014-2018	-49,37	-47,45	-29,87	-29,84
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	2004-2018	355,83	616,33	145,60	-37,21
	2004-2010	480,10	1217,35	281,43	72,73
	2010-2014	19,00	-16,81	-9,22	-39,53
	2010-2018	-21,42	-45,62	-35,61	-63,65
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	2014-2018	-33,97	-34,64	-29,07	-39,88
	2004-2018	135,55	89,69	167,29	314,41
	2004-2010	97,01	86,97	74,54	168,59
	2010-2014	34,32	-0,29	53,89	66,42
Veículos, motocicletas, partes e peças	2010-2018	19,56	1,45	53,14	54,29
	2014-2018	-10,99	1,75	-0,48	-7,29
	2004-2018	46,01	140,92	87,25	64,60
	2004-2010	90,83	227,95	149,66	110,36
Material de construção	2010-2014	-3,11	1,32	7,26	0,72
	2010-2018	-23,49	-26,54	-25,00	-21,75
	2014-2018	-21,03	-27,49	-30,08	-22,31
	2004-2018	36,85	73,77	29,14	-2,13
Material de construção	2004-2010	22,48	67,01	40,32	12,56
	2010-2014	19,98	17,18	42,39	3,68
	2010-2018	11,74	4,05	-7,97	-13,05
	2014-2018	-6,87	-11,20	-35,36	-16,14

Fonte: Indicadores IBGE(2019d). Elaboração dos autores.

Por fim, como resultado dos efeitos da crise macroeconômica, apenas dois setores apresentaram crescimento no período entre 2014 e 2018 (Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos e Outros artigos de uso pessoal e doméstico) e o setor que mais sofreu os efeitos da crise foram as vendas de Livros, jornais, revistas e papelaria, seguido por Móveis; Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação; Eletrodomésticos e Combustíveis e lubrificantes.

## 7 Comércio Exterior

As exportações do Nordeste ao longo de período de 2000 a 2018 apresentou tendência de crescimento, passando de US\$ 4.018 milhões, em 2000, para US\$ 18.550 milhões, em 2018. A trajetória das exportações do Nordeste mostra que um ano após o estopim da crise econômica internacional de 2008, as vendas externas apresentaram forte queda, mas logo em seguida voltou a crescer. Em 2012 voltou a registrar queda em decorrência do efeito da crise econômica internacional que afetou principalmente os países europeus e, conseqüentemente, reprimiu a demanda global. Com relação às importações, estas apresentaram tendência de crescimento mais intensa, atingindo o máximo em 2014 (US\$ 28.661 milhões). Nos anos de 2015 e 2016, registrou queda em decorrência da crise econômica brasileira que atingiu maior intensidade em 2015 (Gráfico 9).

A balança comercial do Nordeste, em geral, apresenta comportamento deficitário. Ao longo do período analisado, o saldo da balança foi superavitária nos anos de 2002 a 2007 e em 2009. Nos demais

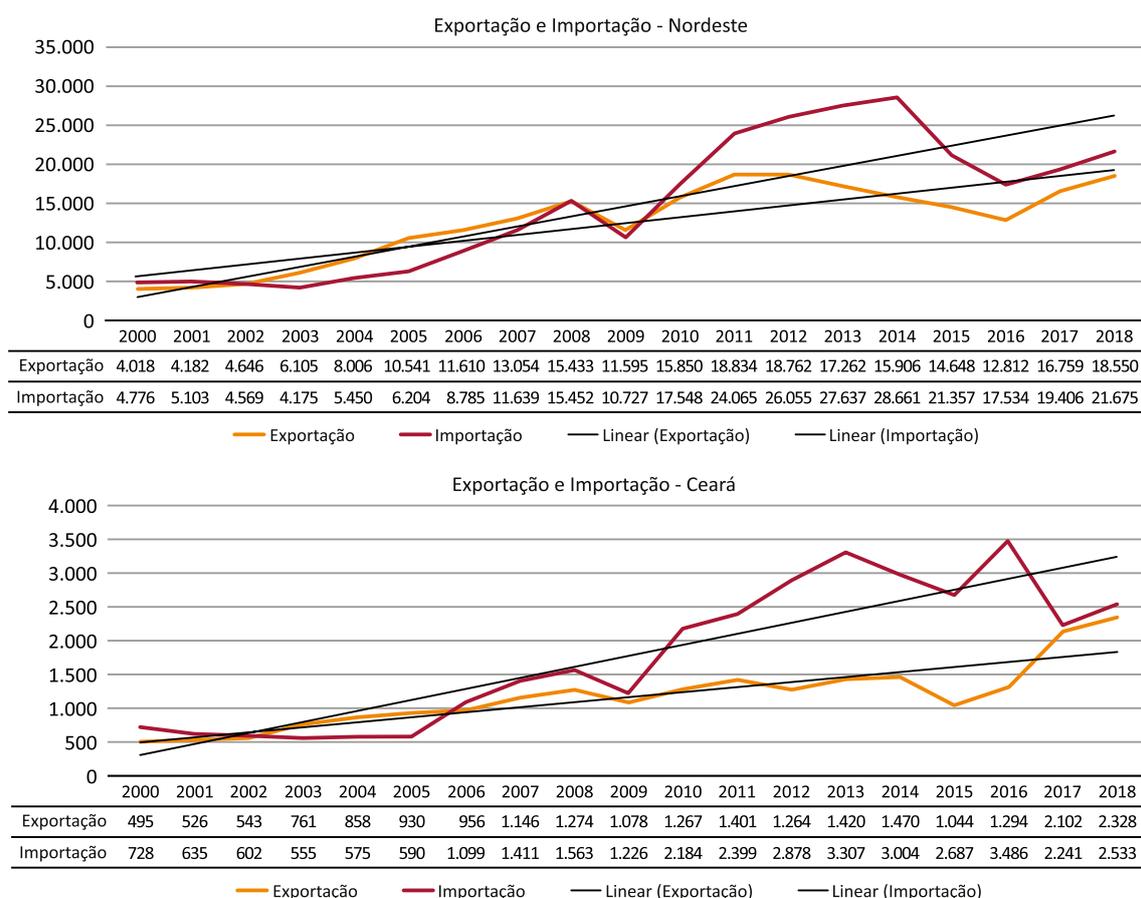
anos da série, o saldo foi negativo, com destaque para o ano de 2014 quando registrou o maior saldo negativo (-US\$ 12.755 milhões).

As exportações do Ceará nos anos de 2000 a 2018 apresentaram a mesma tendência da observada para o Nordeste, atingindo o maior valor da série em 2018, com US\$ 2.328 milhões. Ressalta-se que o efeito da crise econômica internacional nas exportações cearenses foi menos percebido devido às vendas externas da Companhia Siderúrgica do Pecém (CSP), que começaram em agosto de 2016, e a partir de então, o valor das exportações do Estado praticamente duplicou. Com relação às importações cearenses, verificou-se que houve queda nos anos de 2001, 2002, e 2003, quando o dólar estava no valor de R\$ 1,83, em 2000, e atingiu R\$ 3,08, em 2003, tornando as importações relativamente mais caras. Já em 2013, atingiu o segundo maior valor da série (US\$ 3.307 milhões) quando, com a crise hidrelétrica, o Ceará precisou importar gás natural para as usinas termelétricas. Outro ponto de redução foi no período da crise econômica brasileira. Porém, mais uma vez foi compensada pela CSP, quando esta, em 2016, importou um grande montante de máquinas, caldeiras e outros aparelhos para suas instalações.

O saldo da balança comercial do Ceará, assim como o do Nordeste, também é deficitário. O maior déficit no período analisado foi registrado em 2016 (US\$ 2,2 bilhões). Com o aumento das exportações, influenciadas pela CSP, o saldo negativo reduziu, encerrando o ano de 2018 com déficit de apenas US\$ 205 milhões.

As exportações cearenses na pauta do Nordeste, em 2018, responderam por 12,5%, sendo o terceiro maior exportador da Região. Com relação às importações, a participação do Ceará foi de 11,7% e o 4º maior importador do Nordeste.

Gráfico 9 – Balança comercial – Nordeste e Ceará - 2000-2018 (\*)



Fonte: Brasil (2018a) Elaboração dos autores. (\*) Valores em US\$ 1.000.000 FOB.

Em 2018, os Produtos Metalúrgicos aparecem como o principal grupo exportado pelo Ceará, com o valor recorde de mais de US\$ 1,378 bilhão, respondendo por 59,2% da pauta do Estado. Vale ressaltar que em 2000 a participação desse grupo era de apenas 1,84%. O grande aumento é explicado pelas exportações da CSP que começou a operar as vendas externas em agosto de 2016 (Tabela 12).

O grupo Calçados foi o segundo mais exportado em 2018, com valor de US\$ 264,5 milhões e participação de 11,4%. Em 2000, o grupo era o principal produto da pauta cearense e respondia por 16,4% do total exportado. Na comparação entre os dois anos, observou-se um crescimento no valor exportado de 225,6%.

Destacam-se também as exportações de frutas, alimentos e bebidas, máquinas aparelhos e materiais elétricos que apresentaram elevado crescimento ao longo do período de 2000 a 2018. O Ceará, nos últimos anos, ganhou destaque nas vendas externas de frutas frescas. Quanto às vendas de alimentos e bebidas e máquinas e materiais elétricos, é importante ressaltar que eram produtos poucos significantes na pauta cearenses, mas que vêm ganhando importância, tornando a pauta cearense mais intensificada em produtos industrializados.

A exportação de castanha de caju ocupou o terceiro lugar no *ranking* dos principais produtos exportados pelo Ceará, registrando o valor de US\$ 94,2 milhões em 2018, representando 4,0% de tudo que o Estado exportou nesse ano. O valor das exportações de castanha apresentou queda de 31,5% em 2018, comparado com o ano de 2000. Outro segmento que também apresentou grande redução foi o têxtil, indicando uma forte perda de mercado externo.

Os dez principais produtos exportados pelo Ceará em 2018 responderam por 93,6% de tudo que o Estado exportou. Em 2000, esses mesmos produtos participavam com 87,2%, demonstrando concentração na cesta de produtos exportados. A pauta de exportação do Ceará ficou mais concentrada em decorrência dos produtos metalúrgicos, que sozinhos respondem por quase 60% da pauta.

Os principais destinos das vendas externas do Ceará são os Estados Unidos, Coreia do Sul, Turquia e México. Em 2018, esses quatro países representaram 57% das exportações do Estado.

Tabela 12 – Principais produtos exportados pelo Ceará em 2000 e 2018(\*)

Produtos	2000		2018		Var %
	Valor (US\$)	Part %	Valor (US\$)	Part %	
Produtos metalúrgicos	9.105.529	1,84	1.378.528.075	59,22	15.039,46
Calçados e suas partes	81.234.379	16,42	264.529.789	11,36	225,64
Castanha de caju	137.388.200	27,77	94.184.188	4,05	-31,45
Frutas	3.255.734	0,66	85.844.247	3,69	2536,71
Alimentos e bebidas	3.247.237	0,66	84.160.300	3,62	2491,75
Couros e peles	54.161.800	10,95	75.724.931	3,25	39,81
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1.087.093	0,22	65.346.837	2,81	5.911,15
Ceras vegetais	19.560.615	3,95	55.103.773	2,37	181,71
Lagosta	35.433.647	7,16	41.610.279	1,79	17,43
Produtos têxteis	86.813.018	17,55	35.113.389	1,51	-59,55
Demais produtos	63.513.148	12,84	147.698.425	6,34	132,55
Total	494.800.400	100,00	2.327.844.233	100,00	370,46

Fonte: Brasil (2018a) Elaboração dos autores. (\*) Valores em US\$ 1,00 FOB.

Em 2018, o grupo de Combustíveis Minerais liderou a pauta de importação cearense, com valor de US\$ 983,5 milhões, respondendo por 38,8% do total importado pelo Estado. Comparando com o ano de 2000, as importações do grupo aumentaram 360,2%. Os Produtos químicos foram o segundo maior grupo

importado em 2018, com participação de 11,7% (US\$ 295,4 milhões). Em seguida, está o trigo, com valor de US\$ 228 milhões, correspondendo à participação de 9,00% (Tabela 13).

Todos os principais segmentos de importação pelo Ceará apresentaram crescimento em 2018, comparado com o ano de 2000. É importante ressaltar que a pauta de importação do Ceará é composta principalmente de insumos industriais e bens de capital. Os dez principais segmentos importados pelo Ceará corresponderam a 91% de tudo que foi comprado externamente.

Os principais países de origem dos produtos importados pelo Ceará em 2018 foram China, Estados Unidos, Colômbia e Argentina Coreia do Sul. Esses quatro países responderam por 51,2% das compras externas do Estado.

Tabela 13 – Principais produtos Importados pelo Ceará – 2010 e 2018 (\*)

Produtos	2000		2018		Var %
	Valor (US\$)	Part %	Valor (US\$)	Part %	
Combustíveis minerais e derivados	213.688.939	29,33	983.507.375	38,82	360,25
Produtos químicos	22.257.697	3,06	295.444.203	11,66	1.227,38
Trigo	94.322.289	12,95	228.018.825	9,00	141,74
Produtos metalúrgicos	44.085.088	6,05	194.066.294	7,66	340,21
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes	26.703.437	3,67	185.234.365	7,31	593,67
Reatores nucleares, caldeiras, máquinas e outros aparelhos	46.147.335	6,33	158.152.147	6,24	242,71
Produtos têxteis	180.140.591	24,73	125.723.365	4,96	-30,21
Plásticos e suas obras	9.694.079	1,33	63.203.358	2,49	551,98
Óleo de dendê	0	0,00	47.891.418	1,89	-
Aeronaves, aparelhos espaciais e suas partes	39.973	0,01	25.557.660	1,00	63.837,3
Demais produtos	91.420.289	12,55	226.544.568	8,94	147,81
Total	728.499.717	100,00	2.533.343.578	100,00	247,75

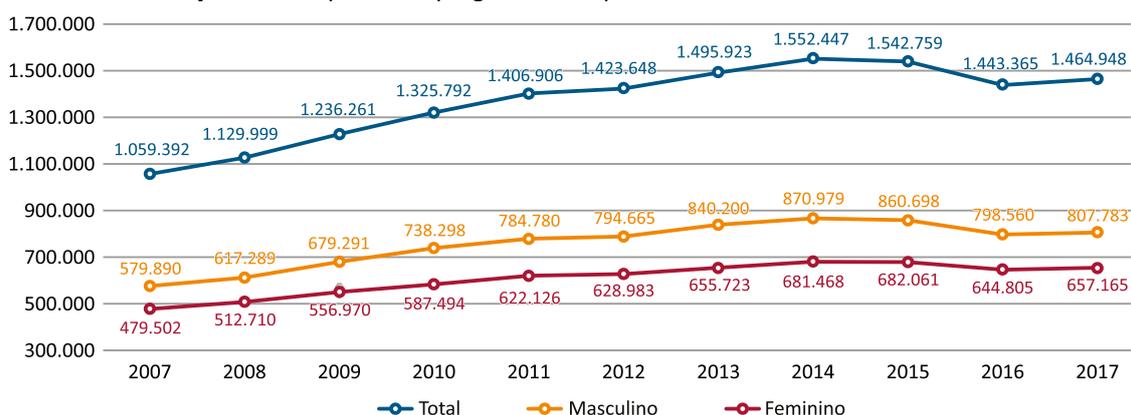
Fonte: Brasil (2018a) Elaboração dos autores. (\*) Valores em US\$ 1,00 FOB.

## 8 Mercado de Trabalho

A presente seção tem por objetivo apresentar a evolução do estoque de empregos formais no Ceará a partir dos dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) da Secretaria de Trabalho, órgão vinculado ao Ministério da Economia.

O Gráfico 10 abaixo apresenta a evolução da distribuição do estoque de empregos formais total e por sexo do Ceará no período de 2007 a 2017. Nota-se, que em 2007, o número de empregos formais cearenses era de 1.059.392 vínculos, alcançando o pico máximo de 1.552.447 vínculos, em 2014, reduzindo esse número em quase 90 mil, finalizando a série com 1.464.948 vínculos em 2017. Com isso, o estoque total de empregos formais cearenses apresentou um crescimento médio anual de 3,29% entre os anos de 2007 e 2017, acumulando uma alta de 38,28% no período. Isso significou um incremento na força de trabalho formal estadual de 405.556 vínculos de trabalho.

Gráfico 10 – Evolução do estoque de empregos formais por sexo - Total - Ceará - 2006 a 2017



Fonte: Brasil (2018b). Elaboração dos autores.

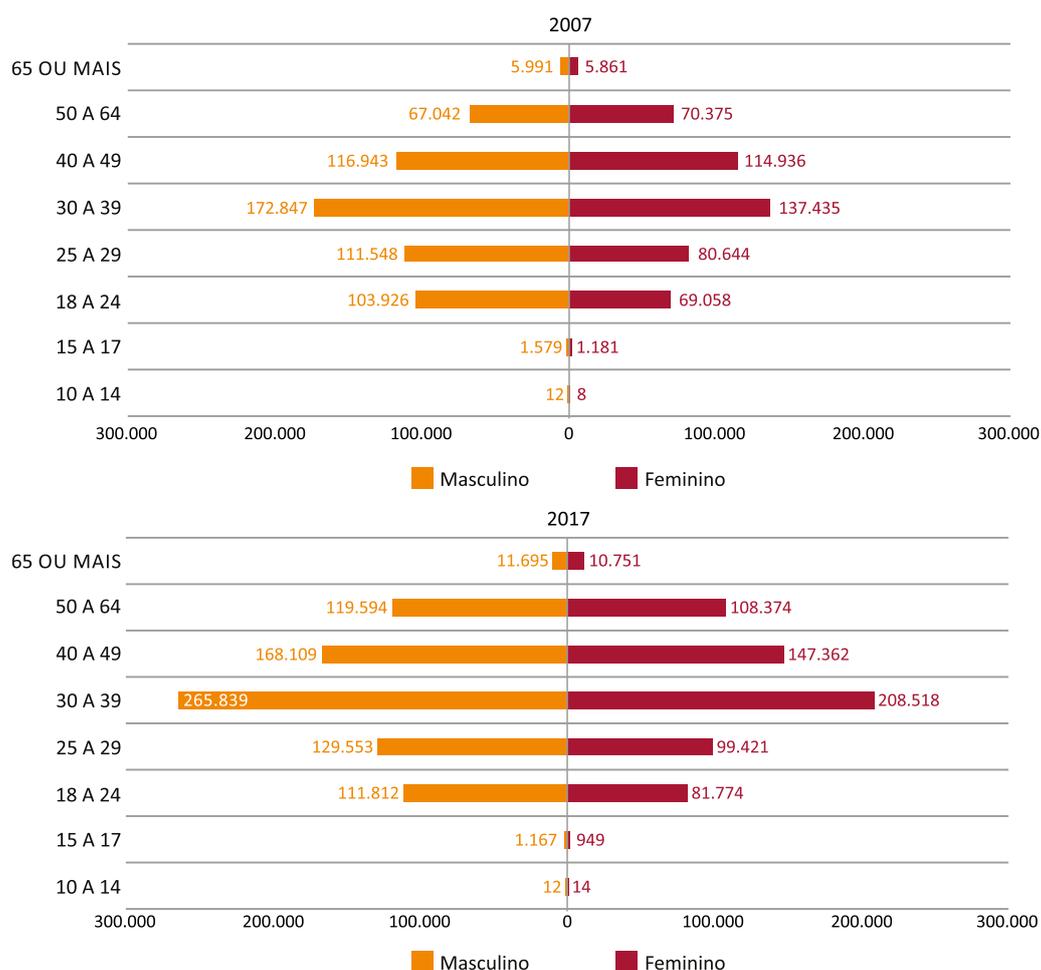
Ao se analisar o mercado de trabalho formal dos indivíduos do sexo masculino, o estoque de empregos formais passou de 579.890 vínculos, em 2007, para 807.783 vínculos em 2017, resultando numa média anual de crescimento superior à média estadual de 3,37% ao ano, acumulando uma alta de 39,30% no período. Isso significou um incremento na força de trabalho formal masculina de 227.893 vínculos de trabalho.

Por outro lado, ao se analisar o mercado de trabalho formal dos indivíduos do sexo feminino, nota-se que o estoque de empregos formais passou de 479.502 vínculos, em 2007, para 657.165 vínculos em 2017. Isso foi resultado de uma média anual de crescimento levemente inferior à média estadual de 3,20% ao ano, acumulando uma alta de 37,05% no período, resultando num incremento na força de trabalho formal feminina de 177.663 vínculos de trabalho.

Como conseqüência, a participação da força de trabalho formal feminina no total do mercado de trabalho formal cearense caiu no período, passando de 45,26%, em 2007, para 44,86% em 2017. Com isso, a força de trabalho feminina que antes representava 82,69% da força de trabalho masculina em 2007, passou a representar 81,35% em 2017, ou seja, para cada quatro mulheres no mercado de trabalho formal cearense existem cinco homens.

O Gráfico 11 a seguir traz informações referentes à pirâmide etária do estoque de empregos formais distribuídos por sexo no Ceará para os anos de 2007 a 2017. As pirâmides etárias são disposições gráficas que permitem visualizar a forma como a força de trabalho formal cearense (masculina e feminina) se distribui entre as diferentes faixas etárias ao longo dos anos.

Gráfico 11 – Pirâmide etária do estoque de empregados formais por sexo - Ceará – 2007 e 2017



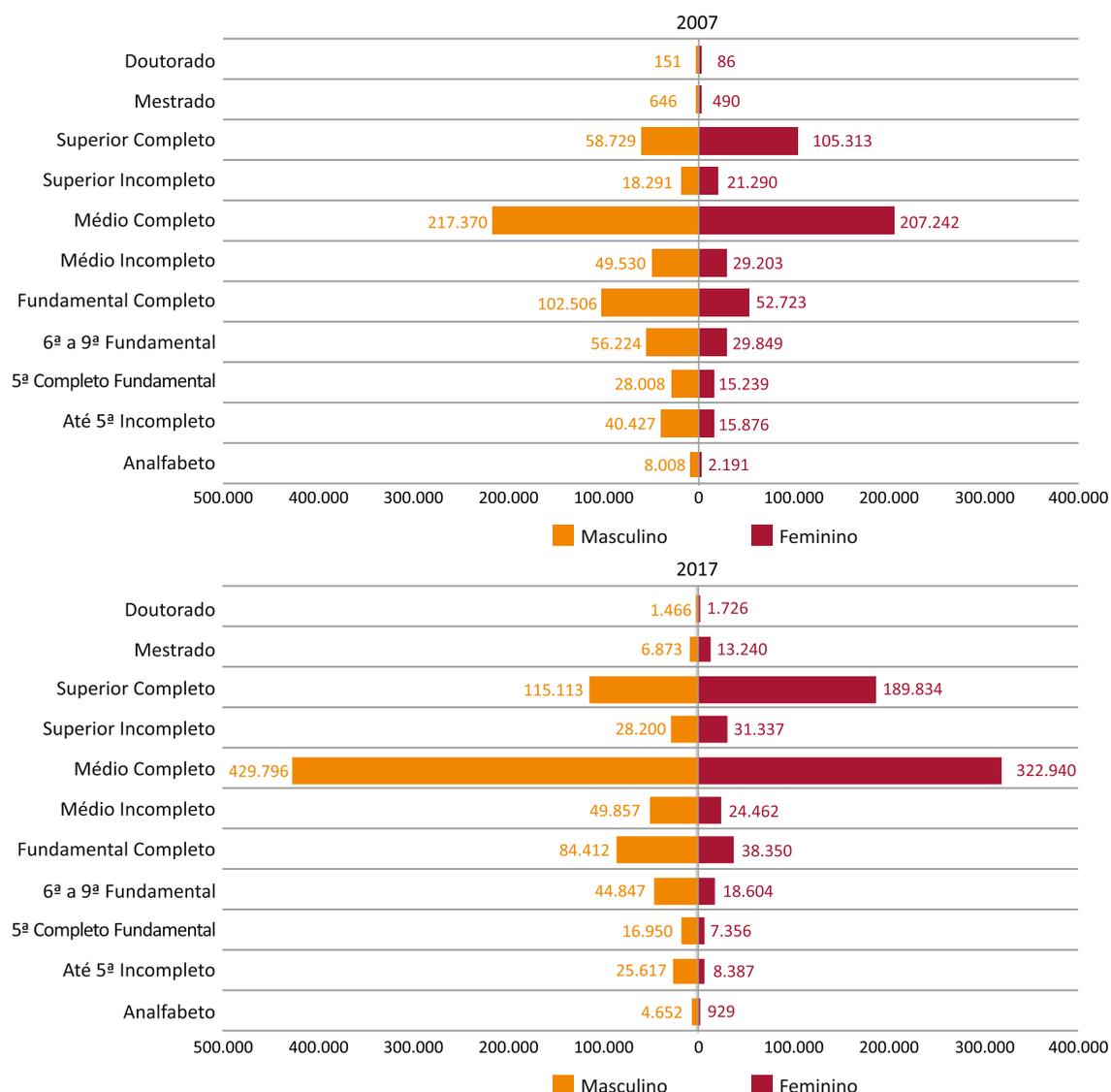
Fonte: Brasil (2018b). Elaboração dos autores.

No ano de 2007, tanto a força de trabalho formal masculina quanto a feminina concentravam-se principalmente na faixa etária de 30 a 39 anos, seguida das faixas entre 40 e 49 anos e de 25 a 29 anos. Nota-se que a exceção da faixa entre 50 a 64 anos, a força de trabalho masculino é predominante. As faixas de trabalho mais elevadas, ou seja, acima dos 50 anos dão um indicativo do total de pessoas que possivelmente poderão requerer aposentaria, mais precisamente na faixa acima dos 65 anos.

Depois de dez anos, as forças de trabalho masculina e feminina ainda continuavam concentradas na faixa etária entre 30 e 39 anos. Nota-se também que em todas as faixas etárias, o total de homens também supera o total de mulheres e que o total de pessoas nas faixas etárias mais elevadas cresceu significativamente comparado a 2007, evidenciando o envelhecimento da força de trabalho no mercado formal de trabalho cearense.

Através do Gráfico 12, é possível observar em cada ano a pirâmide da escolaridade do estoque de empregos formais por sexo. As pirâmides por escolaridade são disposições gráficas que permitem visualizar a forma com que os empregados formais no mercado de trabalho cearense se distribuem de acordo com as diferentes faixas de escolaridade. Vale ressaltar, a partir da análise do referido gráfico, a melhoria geral do padrão de escolaridade no mercado de trabalho formal cearense ao longo dos anos. Ademais, é notório o aumento da participação feminina nos níveis educacionais mais elevados. No ano de 2017, é nítida a discrepância do número de vínculos de empregadas do sexo feminino nos três níveis de ensino mais elevado (superior completo, mestrado e doutorado) comparado aos empregados do sexo masculino.

Gráfico 12 – Pirâmide da escolaridade do estoque de empregos formais por sexo - Ceará - 2007 e 2017



Fonte: Brasil(2019b). Elaboração dos autores.

Por fim, o setor de serviços foi o que mais concentrou empregos formais no Ceará (33,04%), seguido pela administração pública (27,61%) e comércio (17,69%). A participação acumulada desses três setores é de 78,34% do total dos vínculos formais. Por sua vez, foi o setor de comércio o que registrou a maior média anual de crescimento de 5,24%, acumulando uma alta de 66,63% entre os anos de 2007 e 2017 e um incremento de 103.612 vínculos entre os dois anos. Com isso, o setor de comércio ganhou 3,41 pontos percentuais de participação entre 2007 e 2017. Além do comércio, apenas outros dois setores incrementaram suas participações no estoque de empregos formais cearense nos últimos dez anos, Serviços (+6,11 p.p.) e Construção civil (+0,25 p.p.).

Tabela 14 – Distribuição do estoque de empregos formais por setores - Total - Ceará - 2006 a 2017

Setores	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Administração Pública	339.048	356.239	386.474	387.697	403.177	374.726	395.278	391.925	406.057	369.758	404.399
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	24.076	25.510	24.433	22.280	24.453	24.995	25.920	26.749	27.522	23.315	23.330
Comércio	155.512	169.887	185.522	209.548	230.755	245.784	259.949	274.168	273.851	260.979	259.124
Construção Civil	38.020	45.715	58.435	75.973	84.994	81.400	84.619	92.801	84.265	61.516	56.267
Extrativa mineral	2.448	2.600	2.713	2.654	2.812	3.127	3.583	3.336	3.357	2.999	2.701
Indústria de transformação	208.149	215.542	236.851	251.357	251.767	258.974	263.819	264.640	247.716	232.501	226.013
Serviços	285.363	307.988	334.959	369.096	401.345	428.420	454.959	489.854	490.382	483.741	484.052
Serviços industriais de utilidade pública	6.776	6.518	6.874	7.187	7.603	6.222	7.796	8.974	9.609	8.556	9.062
<b>Total</b>	<b>1.059.392</b>	<b>1.129.999</b>	<b>1.236.261</b>	<b>1.325.792</b>	<b>1.406.906</b>	<b>1.423.648</b>	<b>1.495.923</b>	<b>1.552.447</b>	<b>1.542.759</b>	<b>1.443.365</b>	<b>1.464.948</b>
<b>Participação (%)</b>											
Administração Pública	32,00	31,53	31,26	29,24	28,66	26,32	26,42	25,25	26,32	25,62	27,61
Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca	2,27	2,26	1,98	1,68	1,74	1,76	1,73	1,72	1,78	1,62	1,59
Comércio	14,68	15,03	15,01	15,81	16,40	17,26	17,38	17,66	17,75	18,08	17,69
Construção Civil	3,59	4,05	4,73	5,73	6,04	5,72	5,66	5,98	5,46	4,26	3,84
Extrativa mineral	0,23	0,23	0,22	0,20	0,20	0,22	0,24	0,21	0,22	0,21	0,18
Indústria de transformação	19,65	19,07	19,16	18,96	17,90	18,19	17,64	17,05	16,06	16,11	15,43
Serviços	26,94	27,26	27,09	27,84	28,53	30,09	30,41	31,55	31,79	33,51	33,04
Serviços industriais de utilidade pública	0,64	0,58	0,56	0,54	0,54	0,44	0,52	0,58	0,62	0,59	0,62
<b>Total</b>	<b>100,00</b>										

Fonte: Brasil (2019b). Elaboração dos autores.

## 9 Finanças Públicas

O objetivo desse tópico é abordar o comportamento das principais fontes de financiamento do Governo do Ceará e sua dinâmica no período de 2000 a 2018. Assim, na Tabela 15 e Gráfico 13 são apresentados os valores arrecadados, no período citado, das duas principais fontes de receitas do Ceará, a arrecadação de ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) e as transferências do FPE (Fundo de Participação dos Estados).

Como se pode observar na Tabela 15 o ICMS, por todo o período, respondeu, em média, com 45% das receitas correntes e o FPE por, aproximadamente 27%, isto é, essas duas fontes respondem por cerca de 72% dos recursos correntes do Governo cearense. Sendo interessante notar alguns fatos que podem ser evidenciados pelos dados da Tabela 15.

O primeiro fato é que as receitas tributárias cresceram pouco mais que as transferências correntes, tendo a primeira, registrado crescimento de 148%, entre 2000 e 2018, e a segunda, 141%, em idêntico período. Sendo essa uma evidência de que as contas públicas estaduais dependeram por todo período, significativamente, de repasses de recursos financeiros para seu financiamento.

O segundo fato refere-se ao maior crescimento das receitas tributárias, comparativamente a arrecadação de ICMS, dado que os tributos de uma forma geral cresceram 148%, de 2000 a 2018, e o ICMS 112%. Isto deve-se, entre outros fatores, ao incremento da arrecadação do Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores (IPVA)<sup>6</sup>, em que o governo aumentou a alíquota no ano de 2016, e do aumento da alíquota do ITCD (Imposto de Transmissão sobre Causa Mortis e Doações de Quaisquer Bens e Direitos), em 2015.

O terceiro fato refere-se ao maior crescimento das transferências correntes, 141% de 2000 a 2018, em relação ao FPE, 104% em idêntico período. Assim, pode-se supor que as transferências destinadas ao financiamento de algumas atividades (que são conhecidos vulgarmente como recursos “carimbados”), como as de saúde (SUS – Sistema Único de saúde) e educação (Fundeb – Fundo para o Desenvolvimento do Ensino Básico), têm tido sua importância, no financiamento das políticas públicas, incrementada ao longo do tempo.

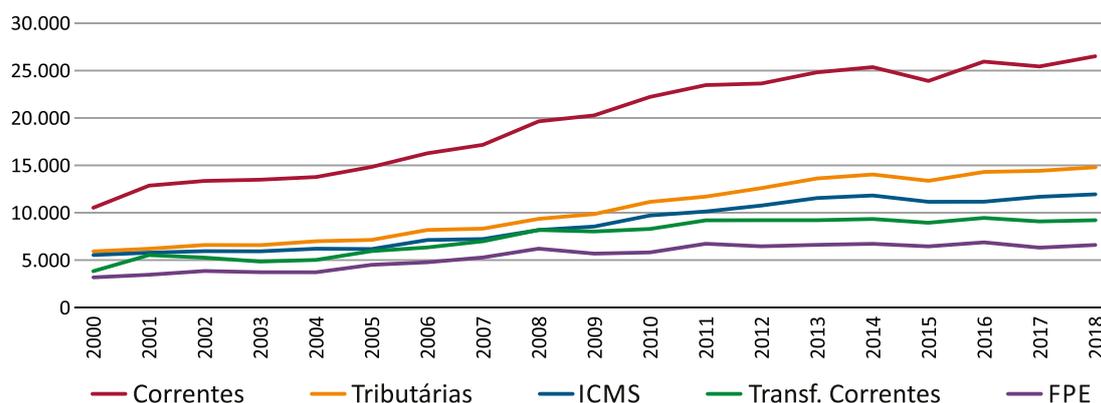
Tabela 15 – Receitas do Governo do Ceará (R\$1.000.000 de dez/2018\*)

Ano	Correntes	Tributárias	ICMS	Transf. Correntes	FPE
2000	10.508,65	5.945,24	5.570,13	3.829,25	3.186,00
2001	12.821,97	6.259,64	5.878,88	5.565,05	3.482,13
2002	13.415,53	6.563,01	5.921,40	5.241,03	3.829,57
2003	13.466,11	6.594,32	5.914,46	4.859,54	3.644,92
2004	13.737,64	6.967,49	6.229,88	4.995,89	3.733,96
2005	14.776,47	7.080,70	6.231,25	5.877,65	4.421,68
2006	16.278,58	8.095,68	7.166,32	6.311,46	4.744,50
2007	17.177,29	8.254,91	7.220,85	7.029,25	5.261,86
2008	19.657,05	9.371,18	8.184,50	8.120,66	6.074,57
2009	20.270,90	9.802,76	8.496,41	8.041,52	5.612,68
2010	22.193,23	11.118,79	9.634,45	8.341,60	5.711,97
2011	23.515,51	11.715,17	10.010,96	9.233,63	6.606,41
2012	23.639,69	12.588,88	10.657,28	9.195,08	6.436,00
2013	24.832,07	13.570,23	11.450,91	9.227,95	6.535,32
2014	25.282,84	13.961,89	11.748,12	9.385,81	6.692,78
2015	23.963,54	13.316,15	11.063,61	8.874,08	6.361,71
2016	25.965,28	14.217,33	11.045,56	9.453,75	6.776,91
2017	25.527,51	14.411,87	11.612,71	9.076,81	6.311,99
2018	26.518,13	14.789,82	11.854,22	9.241,91	6.495,53

Fonte: Ceará (2019b). Elaboração dos autores.\* Preços atualizados pelo IPCA de dez/2018.

<sup>6</sup> Ressalte-se que o incremento da frota veicular no período também contribuiu para o incremento da arrecadação desse tributo, entretanto mensurar qual fator mais importante extrapolam os objetivos desse tópico.

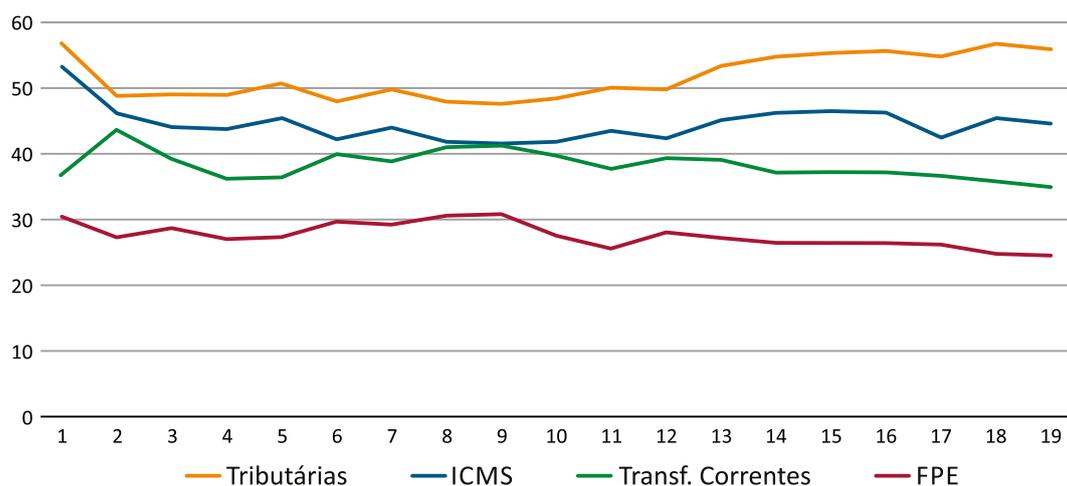
Gráfico 13 – Receitas do Governo do Ceará (R\$1.000.000 de dez/2018)



Fonte: Ceará (2019b). Elaboração dos autores.

Dados os fatos mencionados, torna-se interessante analisar, de forma sucinta, o comportamento da participação das receitas do governo ao longo do tempo, que é apresentado no Gráfico 9.2. Nesse gráfico, é possível observar que as receitas tributárias, o ICMS entre elas, perderam participação relativa entre os anos de 2000 e 2008, e, a partir de 2009, elas têm incrementado sua participação. Já a participação das receitas de transferências, as do FPE incluídas, apresentam comportamento oposto, ou seja, aumentam até 2008 e, posteriormente, decrescem.

Gráfico 14 – Participação das principais fontes de receitas correntes (%)



Fonte: Ceará (2019b). Elaboração dos autores.

Assim, constata-se que, apesar das receitas tributárias e das transferências terem apresentado percentuais de crescimento parecido, entre os anos de 2000 e 2018, constata-se que as receitas tributárias cresceram 58%, entre 2008 e 2018, enquanto as de transferências cresceram 14%, em idêntico período, resultando na queda da participação delas nas receitas correntes mencionadas anteriormente.

Como resultado desse maior dinamismo das receitas tributárias constata-se, via inspeção do Gráfico 9.3, que a carga tributária estadual no Ceará aumentou de 8,63% do PIB estadual, em 2008, para 9,72%, em 2018.

Gráfico 15 – Carga tributária do Governo do Ceará (% PIB)



Fonte: Ceará (2019b); Indicadores IBGE; PIB (2019). Elaboração dos autores.

Conclui-se, portanto que, no período de 2008 a 2018, o crescimento das receitas tributárias estaduais resultaram tanto em uma menor dependência dos recursos transferidos pela União para o financiamento das políticas públicas do Estado como houve uma elevação da carga tributária estadual.

## Considerações Finais

Em consequência do longo período de seca no Nordeste, principalmente no Ceará, muitas culturas estão muito abaixo da quantidade que o Estado efetivamente pode produzir. Com a perspectiva de anos com maior volume de chuvas e a maior incorporação de tecnologia na produção agrícola, espera-se que a atividade agrícola aumente a participação na economia, que antes era em torno de 3,0% e 4,0%, nas economias do Ceará e Nordeste, respectivamente.

Na perspectiva de longo prazo proposta pela abordagem, o resultado acumulado para a produção industrial não pode ser considerado animador. Desempenho oscilante e ganhos não sustentados caracterizaram estas quase duas décadas de análise. O quadro macroeconômico desorganizado na segunda metade do período assume um papel de relevo como explicativa para o resultado pouco animador. Entretanto, não foi sua única causa. Outros elementos ajudaram e se mantêm como questões importantes para um futuro mais promissor do setor.

O melhor desempenho da atividade industrial, seja no Estado, no Nordeste ou para o País nas próximas décadas passa, necessariamente, por alguns pontos essenciais, tanto dentro das indústrias, como no ambiente em que se inserem. Sobre este último ponto, é preciso retomar e assegurar, de forma sustentada, o equilíbrio macroeconômico no País, obter avanços na infraestrutura, na qualificação da mão de obra, no ambiente de negócios e na integração comercial internacional. Quanto à indústria em si, os avanços tecnológicos serão fundamentais, tanto nos produtos ofertados, como nos processos de produção. Superar gargalos e se aproximar da indústria 4.0 parece se colocar como a estratégia a ser seguida.

Com base na Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS) do IBGE foi observado que desde 2012 o setor apresentava desaceleração, embora ainda registrasse crescimento positivo até o ano de 2014, período no qual a economia brasileira entra em profunda recessão, e iniciando um processo de aceleração apenas em 2017, embora os serviços ainda operassem no negativo. Para os três principais estados do Nordeste, destaca-se o alinhamento com a dinâmica nacional nos anos analisados, sendo a diferença em termos de magnitude. Já os cinco segmentos que compõem a PMS nacional apresentaram desempenho positivo no ano de 2012. Deve-se destacar que o segmento de Transportes, Serviços Auxiliares aos Transportes e Correio é o que apresenta tendência similar ao cômputo geral do setor, não obstante apresente recuperação mais rápida.

No que tange ao Índice de Atividades Turísticas, o principal destaque, tanto no comparativo nacional como nos três principais estados do Nordeste, são os resultados alcançados do Ceará em todo em período de análise.

As informações apresentadas sobre o varejo cearense revelaram um forte retrocesso em sua dinâmica, seguindo a tendência nacional nos últimos anos, todavia, com tímida recuperação no período mais recente. A principal explicação para isso recai sobre os efeitos da crise macroeconômica pós-2014 sobre os indicadores do mercado de trabalho e sobre a massa salarial dos trabalhadores, especialmente sobre a taxa de desemprego que voltou a apresentar dois dígitos. Observa-se que quase todos os setores foram afetados, uns mais e outros menos. As perspectivas para os próximos anos são de lenta e gradual recuperação dessa atividade, haja vista que as expectativas empresariais ainda continuam sendo afetadas pelas reformas esperadas, a exemplo da reforma da previdência, da reforma tributária e da reforma da Lei de Responsabilidade Fiscal, como sugeridas por alguns especialistas para se superar essa nova década perdida que se traduziu em forte retração do PIB estadual.

O mercado internacional vem apresentando comportamento favorável para as exportações, com crescimento dos países desenvolvidos. O câmbio está em um patamar considerado bom para as vendas externas. Por outro lado, as importações ficam mais caras, podendo haver uma redução no quantum importado pelo Ceará. Diante desse cenário, o saldo da balança comercial cearense pode se apresentar, em alguns períodos, superavitária.

O mercado formal de trabalho cearense foi afetado pela crise econômica vivida pelo País nos últimos anos. A piora da conjuntura macroeconômica pela crise fiscal do estado brasileiro afetou diretamente os indicadores de mercado de trabalho geral e em especial o mercado formal de trabalho, resultando numa perda de quase noventa mil vínculos somente no Ceará. Os dados também revelaram que a mão de obra formal cearense concentra-se principalmente entre 30 a 39 anos, independente do sexo do trabalhador, revelando ainda um envelhecimento dos trabalhadores formais no Estado, com maior participação nas faixas etárias mais elevadas. Além disso, vem sendo observada uma melhora significativa no nível de escolaridade do trabalhador formal cearense na direção do ensino médio e especialmente do ensino superior. Vale destacar que as mulheres são mais presentes nas categorias educacionais mais elevadas, mas isso não se traduz em salários majorados revelando a persistência de um padrão de desigualdade salarial que vem caindo ao longo dos anos. A mão de obra formal cearense concentra-se ainda nos setores de serviços e de administração pública.

A expectativa para os próximos anos é de uma recuperação lenta dos postos de trabalho formais perdidos com a crise, o maior envelhecimento dos profissionais presentes no mercado de trabalho formal e uma presença ainda mais intensa das mulheres nas categorias mais elevadas de escolaridade, contribuirá para a redução da desigualdade salarial nos próximos anos no Ceará. Por fim, o setor de serviços tenderá concentrando cada vez mais esses profissionais com nítida redução da participação da indústria, dado que o Ceará está se tornando cada vez mais uma economia de serviços.

Em relação às finanças públicas do Ceará, os próximos anos serão mais desafiadores no sentido da manutenção do equilíbrio fiscal, dado a forte déficit fiscal federal com projeções de reversão apenas para o ano de 2025. Até lá, a União experimentará um período de forte ajuste fiscal, com tendência de diminuição das transferências federais voluntárias aos estados, incluindo o Ceará. Dessa forma, o equilíbrio fiscal cearense tenderá a se ajustar em maior parte pelo lado das despesas.

## Referências

BRASIL. Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Comex Stat**. Brasília: MDIC, 2018a. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: ag. 2019.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Anuário RAIS**. Brasília: MTE, 2018b. Disponível em: [http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged\\_anuario\\_rais/anuario.htm](http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/anuario.htm). Acesso em: ag.2019.

CEARÁ. **Mensagem à Assembleia 2019**. Fortaleza: Governo do Ceará, 2019a. Disponível em: <https://www.seplag.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/14/2019/02/Mensagem-%C3%A0-Assembleia-Legislativa-2019.pdf>. Acesso em: ag.2019.

CEARÁ. Secretaria da Fazenda. **Balanco Geral do estado**. Fortaleza: Governo do estado do Ceará, 2019b. Disponível em: <https://www.sefaz.ce.gov.br/download/bge/>. Acesso em: ag.2019.

INDICADORES IBGE: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola: pesquisa mensal de previsão e acompanhamento das safras agrícolas no ano civil. Rio de Janeiro: IBGE, 2019a. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=76>. Acesso em: ag.2019.

INDICADORES IBGE: Pesquisa Industrial Mensal: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, 2019b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=7228>. Acesso em: ag.2019.

INDICADORES IBGE: Pesquisa Mensal de Serviços. Rio de Janeiro: IBGE, 2019c. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=72419>. Acesso em: ag. 2019.

INDICADORES IBGE: Pesquisa Mensal do Comércio. Rio de Janeiro: IBGE, 2019d. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=7230>. Acesso em: ag. 2019.

INDICADORES IBGE: Produção Agrícola Municipal: culturas temporárias e permanentes. Rio de Janeiro: IBGE, 2019e. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=766>. Acesso em: ag.2019.

INDICADORES IBGE: Sistema de Contas Regionais: Brasil 2016. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101619\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101619_informativo.pdf). Acesso em: ag.2019.

IPECE INFORME. Fortaleza: IPECE, n.145, fev. 2019. Disponível em: [https://www.ipece.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/45/2019/02/ipece\\_informe\\_145\\_05\\_Jan2019-1.pdf](https://www.ipece.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/45/2019/02/ipece_informe_145_05_Jan2019-1.pdf). Acesso em: ag.2019.

PIB do Ceará nas óticas da produção e da renda: 2016. **Produto Interno Bruto**. Fortaleza: IPECE, n.4, 2019. (Série Produto Interno Bruto). Disponível em: [https://www.ipece.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/45/2019/03/PIB\\_Ceara\\_nas\\_Oticas\\_Producao\\_e\\_Renda\\_2016.pdf](https://www.ipece.ce.gov.br/wpcontent/uploads/sites/45/2019/03/PIB_Ceara_nas_Oticas_Producao_e_Renda_2016.pdf). Acesso em: ag.2019.